



## **ENTREVISTA - PROF. DRA .LUCIA REILY**

Bacharel em Artes (Programa Independent Learning) - Indiana University (1974), com Revalidação em Educação Artística: hab. Artes Plásticas pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1978), mestrado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo (1990) e doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo (1994).

### **1. Que motivou a senhora, no início de seu trabalho como pesquisadora, a observar e trabalhar com crianças, jovens e adultos com diferentes comprometimentos?**

Enquanto estava na Faculdade realizei atividades de artes com pessoas com deficiência, me formei Bacharel em Artes Visuais na Universidade de Indiana – Estados Unidos. No Brasil participei no Núcleo de Educação Especial pela Prefeitura de São Bernardo durante 4 anos. Preparava e dava aulas, anotava os diálogos que aconteciam e também participava de outras atividades culturais. No meu primeiro livro eu falo de crianças que não tinham síndrome, tinham atrasos, alguns eram repetentes que não tinham deficiência intelectual. Não haviam grandes defasagens.

Em São Paulo as crianças eram maiores do que as da Prefeitura de São Bernardo. Em São Paulo trabalhei no Centro Ocupacional Avanhandava. O Diretor era de origem alemã e valorizava bastante a arte. Permaneci nesse lugar por bastante tempo. Depois participei da Associação Educacional Quero-quero. Havia muito que aprender, as crianças tinham faixas etárias diferentes, alguns eram autistas, outros tinham síndrome de Down.

Depois fiz mais avanços na Pós-graduação . Minha pós eu fiz na USP. Havia um programa de psicologia, eu precisava entender as situações e produção das crianças.

### **2. A senhora publicou o livro “Armazém da Imagem” onde estuda as fontes visuais e a produção artística de um jovem com deficiências múltiplas. Quais são as maiores dificuldades encontradas pelos profissionais quando lidam com varias deficiências ao mesmo tempo? Brasil está preparado?**

Trata-se da publicação de meu trabalho de doutorado. É o resgate de uma criança da Associação Educacional Quero-quero que desenhava de forma enigmática . Como podia ser isso já que ela tinha tantas necessidades. Na Inglaterra existe o termo



“Savant” que significa sábio e os “savants” são estudados como sendo pessoas com autismo e memória extraordinária para certas tarefas. Federico, que era como se chamava esta criança elaborava obras de arte, o trabalho dele era prático, os temas eram livres e eu fazia a análise da produção dele. O nome “deficiências múltiplas” – surdez, rebaixamento intelectual e autismo – foi em decorrência da rubéola.

É difícil encontrar auxílio para crianças com múltiplas deficiências. Nas escolas, os professores priorizam uma área. Entendem de surdez, mas não entendem de deficiência intelectual. Os pais percorrem várias instituições procurando uma melhor situação e isto mostra o problema da formação do pedagogo.

As histórias da educação especial não se cruzam. Existem outros autores, conceitos e questões em jogo. O Brasil tem história bastante antiga nas primeiras grandes instituições. Nos EUA e aqui a ajuda era filantrópica e é até hoje. A preocupação de garantir escolaridade se apresenta com a Constituição de 1988. Há uma parcela grande da população que recebe atendimento precário, mas tem havido avanços desde que começou e muita luta por parte das famílias que buscam acesso e direitos para seus filhos, garantindo a autonomia e entrada no mercado de trabalho.

### **3. Como é seu trabalho de formação de professores na universidade com foco na articulação entre saúde e educação?**

Acontece na UNICAMP na área de fonoaudiologia. Existe o campo de estágio, na verdade são quatro grupos atuantes com crianças surdas. Os estagiários trabalham com LIBRAS (Linguagem brasileira de sinais) são estudantes da licenciatura em artes visuais.

Também existe o “aprimoramento” profissionais de áreas variadas como sendo da pedagogia e das artes em geral (plásticas, música, teatro) que se reúnem e discutem soluções neste campo de atendimento especial. No aprimoramento existem pessoas formadas na área da saúde que recebem especialização em prática de suporte à população sendo um trabalho mais específico onde trabalha-se o idioma português junto com sinais e artes. As crianças que são atendidas vão até a universidade, elas são surdas, grupos são formados em torno de 8 a 10 crianças, sendo que as crianças menores têm de 5 a 8 anos e as maiores de 10 a 15 anos. Aí se trabalha com elas fonoaudiologia, linguística e educação especial.

### **4. No livro “Escola inclusiva: linguagem e mediação” a senhora discute os meios de expressão e a mediação pedagógica. Como o professor pode perceber o melhor recurso para impulsionar a aprendizagem do seu aluno?**



O professor deve ter um repertório amplo, ler bastante, principalmente outras teses, conversar com o aluno e ver a dificuldade. Tem que abrir o diálogo, o que se considera, sair da área de conforto (do que a escola sempre fez). Se as aulas são de artes, o professor deve trabalhar com imagens, vivências, outras maneiras de ajudar a dar conta do desafio. Trabalhar a questão do lúdico, jogos, criar situações para que o aluno compreenda o conceito. Pela vivência o aluno adentra ao conteúdo. O momento da aprendizagem deve se tornar significativa, a situação deve ser cercada de várias fontes. Deve-se aproximar da criança, chamar sua atenção.

#### **5. Quais os limites com os que o professor se defronta?**

Como professora de arte, os limites são o espaço, a visão que as pessoas têm sobre o ensino de artes visuais. Limite do tempo, as crianças no geral têm problemas de transporte, há limites gerenciais, às vezes falta de recursos pedagógicos, na área da surdez, conceitos difíceis de entender, não sabem LIBRAS. Tem que ter pessoas que auxiliem os professores (surdos que saibam LIBRAS).

#### **6. Ao escrever este livro (Escola Inclusiva: linguagem e mediação) a senhora pensou em como atender as deficiências na escola inclusiva?**

Ele foi escrito quando dava aulas para professores da prefeitura de Campinas. As escolas atendem crianças com várias deficiências. A escola recebe ajuda, mas é preciso mostrar que as pessoas são restritivas. Existe comunicação alternativa, suplementar, sistemas utilizados com crianças que não falam, há o uso dos pictogramas, figuras para que elas entendam.

Existem modalidades tecnológicas como sendo sintetizadores de voz, por exemplo, que podem ser utilizados com pessoas que perderam a voz por algum motivo. Pode ser usado por pessoas que não falam mais e que estão em processo de alfabetização. Imagens sintetizam uma frase. As ferramentas poderiam ser mais abrangentes. Por exemplo, LIBRAS ser utilizado com outros grupos. Pessoas que são limitadas na fala por exemplo. Há preconceito com braille. É só para cegos. O livro falado também deveria ser mais utilizado. Funciona quando utilizado com paralisia cerebral. O livro pode perpassar focalizando não a deficiência, mas as outras possibilidades para promover acesso e conteúdo de uma maneira mais abrangente.

#### **7. Quais seriam as principais problemáticas encontradas no cotidiano de alunos com necessidades especiais matriculados na rede regular de ensino?**



Depende da escola e do professor. A principal dificuldade é acesso ao conteúdo. Varia muito, dependendo do apoio da escola. Quanto menor, mais difícil o processo de inclusão, com surdez e sem intérprete mais difícil ainda. É difícil para todos. Para o professor o número de alunos independe de ser especial ou não.

Em Campinas, nas escolas municipais, pelo menos um professor deve ter preparo em educação especial. Seria interessante montar escolas “pólo”. As crianças mais próximas de suas residências. Deveriam existir projetos pois as realidades são diferentes para crianças e adolescentes e elas estão sem suporte. Há muitos desafios, histórias tristes, quanto mais necessidades, mais problemas de suporte.

#### **8. A senhora contempla avanços no campo da educação especial?**

Claro que sim. Percebo crescimento na área da pesquisa, educação pedagógica, avaliações e novas propostas educacionais especialmente na área (região) do campo, grupos de quilombolas, situações novas e discussões em Congressos.

Deve-se conhecer a realidade da escola para tentar prover soluções. Há momentos de desânimo pois ainda existem professores que possuem repertório limitado, pessoas estagnadas que não se atualizam. Continuam trabalhando como se recém tivessem saído da Universidade.

#### **9. No seu entender quais são as principais ferramentas de mediação a serem utilizados em sala de aula com alunos especiais?**

Nas artes a imagem é o jogo. A imagem construída com o corpo, construída com argila, diagramas. Algumas ferramentas estão muito sub-utilizadas. Que sentido elas trazem?

Usar o jogo em qualquer situação e ele tem que ser participativo, simbólico, a brincadeira tem que ser feita pelo prazer de brincar e deve ser valorizada como caminho de aprendizagem e participação.

#### **10. Gostaria de acrescentar para a entrevista algum outro tópico que seja seu foco de estudo? Ou outra reflexão?**

Importante seria assim como existem grupos que trabalham com arte e deficiências atingindo diferentes aspectos, fazer uma atividade micro, em sala de aula, ou entre professores, como processo de sedimentação de saberes. Sempre recomeçando. Um aprender constante.



A respeito das teses que tenho observado, os pesquisadores não nomeiam as pessoas pesquisadoras que já tem experiência consolidada no Brasil. Os pesquisadores não dialogam. Vejo preguiça ou olhar limitado sobre o que já existe. Há outros autores escrevendo sobre fotografia e cegos, música e surdez, entre outros assuntos, e há muito a se partilhar. Não deveriam procurar somente na literatura estrangeira. Há na região, no Brasil e não está sendo aproveitado. O importante é a troca. Em Florianópolis (onde foi feita a entrevista), pessoas pesquisaram em campos similares. Os grupos de pesquisa deveriam se conhecer, garantir que os alunos leiam os trabalhos e partilhem para que não fiquem reescrevendo do começo. Dominar e produzir, pesquisar e partilhar mais.